

## WALTER BENJAMIN: TRADUÇÃO E MELANCOLIA, SUSANA KAMPPF LAGES

*Cláudia Santana Martins*

*Walter Benjamin: Tradução e Melancolia.* Susana Kampff Lages. São Paulo: EDUSP, 2002.

Walter Benjamin como um fio de Ariadne entre melancolia e tradução? A proposta pareceu-me ousada e interessante, e as referências não podiam ser melhores: o livro *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*, derivado de uma tese de doutorado defendida por Susana Kampff Lages na PUC-SP, recebeu o prêmio Jabuti em 2003, na categoria Teoria Literária e Linguística.

O instigante prefácio de Jeanne Marie Gagnebin contribuiu ainda mais para a expectativa com que iniciei a leitura da primeira parte, “Melancolia e Tradução”, em que a autora refaz os percursos da melancolia ao longo da história, desde a Antiguidade até a moderna visão psicanalítica.

Na Antiguidade, conta-nos Lages, acreditava-se que a melancolia era efeito da alteração na produção de bile negra, um dos quatro humores que determinavam certas enfermidades, além de temperamentos e tipos psicológicos específicos. Falava-se em “temperamento saturnino”, uma instabilidade tradicionalmente considerada como própria dos espíritos criativos.

Na Renascença, a melancolia se tornou uma “doença da moda”. A gravura do renascentista alemão Albrecht Dürer, *Melencolia I*, mencionada por Benjamin em *A Origem do Drama Barroco Alemão* como uma representação alegórica ligada à melancolia, retrata as doutrinas neoplatônicas correntes na época. Lages sugere que a modernidade de *Melencolia I* possa ser atribuída “ao seu caráter enigmático, hermético, que provoca uma multiplicação das interpretações, muitas vezes conflitantes entre si”. Esse hermetismo acarreta “uma sensação de *falência* inter-

pretativa, típica da crise da modernidade, cada vez mais consciente da parcialidade de todo gesto interpretativo” (p. 44).

A teoria psicanalítica de Freud é tratada com sobriedade e competência pela autora. No ensaio “Luto e Melancolia”, escrito em 1915, Freud sustenta que a melancolia difere do luto por não ter um objeto conhecido e não passar com o tempo. A melancolia se caracterizaria por um desânimo doloroso, desinteresse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição da produtividade e baixa autoestima. Trata-se de um delírio predominantemente moral. O “eu” do melancólico cinde-se, e uma parte analisa criticamente a outra. Na base do sentimento melancólico estaria a decepção com um objeto amoroso a que o “eu” se ligou de modo narcisista. Em vez de criticar o objeto amado diretamente, o melancólico volta as críticas para si mesmo. O estado melancólico corresponderia, de modo aproximado, ao que hoje em dia chamamos de depressão.

A relação que a autora estabelece entre melancolia e tradução se baseia na noção de “insuficiência” atribuída à tradução desde as primeiras reflexões sobre a atividade tradutória. Quando se constata a radical diferença entre as línguas, reconhece-se a impossibilidade de traduzir de uma língua para outra sem que ocorram alterações – frequentemente referidas como “perdas”. A consciência dessas perdas levaria a uma sensação de impotência e, conseqüentemente, à melancolia. Outra característica da melancolia é a alternância entre momentos de profunda tristeza (fase depressiva e/ou melancólica propriamente dita) e momentos de grande entusiasmo, caracterizados por um excesso triunfalista de autoconfiança (fase maníaca). Lages identifica na história da tradução um movimento pendular semelhante. A constante desvalorização do tradutor é acompanhada pela exigência de capacidades sobre-humanas a serem dominadas por ele, em termos da abrangência de seus conhecimentos culturais e linguísticos. Essas duas posições corresponderiam, respectivamente, ao aspecto “melancólico” propriamente dito e ao aspecto “maníaco” do traduzir.

Lages assinala, no entanto, o surgimento de novas visões a respeito do papel do tradutor nas últimas décadas. Cada vez mais os estudos da tradução voltam sua atenção para as rela-

ções entre as línguas e suas determinações ideológicas, políticas e sociais. Tenta-se escapar ao círculo vicioso da contabilidade de perdas e ganhos para se chegar a uma concepção da atividade tradutória como interpretativa. A tradução passa a ser vista como reescrita, subversão e transcrição. Lages cita diversos autores que, mesmo defendendo posições às vezes divergentes entre si, poderiam ser considerados representantes de uma nova linha de pensamento em que a dimensão melancólica da tradução é simultaneamente reconhecida e combatida: André Lefevere, Henri Meschonnic, Lawrence Venuti, Susan Bassnett, Mary Snell-Hornby e Antoine Berman, na Europa e nos Estados Unidos, e Rosemary Arrojo e Else Vieira no Brasil. As reflexões do filósofo francês Jacques Derrida e os estudos de cunho feminista efetuados por Lori Chamberlain e outras teóricas também são mencionados.

Um destaque especial é dado por Lages aos poetas concretistas brasileiros Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, formuladores de uma teoria de tradução que prega a superação da posição de secundariedade da tradução e a afirmação do tradutor como autor de um novo texto, o texto traduzido. Não sem certa dose de ironia, Lages detecta influxos melancólicos também na “transluciferação mefistofáustica” dos irmãos Campos, pois a “autocitação exacerbada” desses autores trairia uma “inflexão narcísica” (p. 95, nota 144), e o entusiasmo com que defendem uma visão mais criadora da tradução poderia ser visto como tendência maníaca – a versão mais alegre e extrovertida da melancolia.

Na segunda parte, intitulada “Entremeio: a Melancolia em Walter Benjamin”, Lages nos guia através das “trilhas da melancolia” percorridas por Benjamin ao transformar sua dolorosa e “inquietante experiência pessoal numa reflexão teórica e crítica que carrega as marcas de um violento conflito interno” (p. 112).

A análise da figura do anjo em Benjamin é de especial importância nesse percurso. A melancólica narrativa da angelologia talmúdica – segundo a qual hostes de anjos são criadas apenas para entoar hinos de louvor diante de Deus e, em seguida, perecer – comparece de modo recorrente na obra benjaminiana. No quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, Benjamin vê o anjo da histó-

ria que, arrastado para o futuro pelo progresso dos tempos modernos, contempla o passado como cenário de ruína. Para Benjamin, a morte serve como fio condutor de uma história construída a partir do triunfo dos poderosos.

É também a melancolia que explica a afinidade de Benjamin com Proust e Baudelaire, dois autores que Benjamin escolheu traduzir e que seriam “paradigmas de uma moderna escrita melancólica” (p. 22).

A nostalgia benjaminiana do narrador à moda antiga – um narrador que se nutre de influxos melancólicos e que, ao contar a história, atualiza uma dimensão do passado – expressa a nostalgia da verdade não como algo absoluto, mas como algo que “se constrói a partir de uma relação presente com o passado” (p. 117).

No ensaio “Sobre a Linguagem em geral e sobre a Linguagem do Homem”, de 1916, Benjamin refere-se a uma tristeza que reside nas coisas e que seria responsável por sua mudez. Na hábil interpretação de Lages, o paraíso linguístico perdido e a inclinação para uma utopia linguística seriam “movimentos correlatos, que se nutrem, na sua necessária afirmação de uma separação e em sua historicidade, da melancolia” (p. 150).

Na terceira parte, “A Tarefa do Tradutor”, a autora discute várias interpretações do célebre ensaio escrito por Benjamin em 1921 e publicado em 1923 como prefácio a um conjunto de traduções de poemas dos *Tableaux parisiens* de Baudelaire. Lages observa, com muita propriedade, que o ensaio de Benjamin se tornou referência para um tipo de reflexão que parte da aceitação da perda de uma origem estável e da impossibilidade de entender a tradução em termos de uma recuperação racional de significados.

A autora destaca quatro leituras de “A Tarefa do Tradutor” em que identifica uma afinidade de fundo: a transformação da idéia de perda em “estratégia de superação ou, pelo menos, de elaboração, da própria idéia de impossibilidade ou perda”, com a armação de “uma defesa contra a melancolia” (p. 171).

A primeira dessas leituras é a conferência de Paul de Man, “Conclusões: ‘A Tarefa do Tradutor’ de Walter Benjamin”. Enfatizando o tema da disjunção, De Man cita exemplos curiosos de

erros de tradução extraídos de duas traduções do ensaio de Benjamin, afirmando que o “malogro” dos tradutores espelha a impossibilidade da tradução defendida pelo ensaio. Os dois sentidos da palavra *Aufgabe* (“tarefa” e “renúncia”) levam De Man à interpretação de que o tradutor deve desistir da tarefa de redescobrir o que estava no original. Assemelhando-se à crítica, à teoria literária, à filosofia e à história, a tradução seria uma atividade derivada, secundária. De Man insiste que essa secundariedade não implica uma pureza ou superioridade do original. Ao contrário: ao desarticularem o original por meio de sua articulação na linguagem, essas atividades revelam que a desarticulação não é originária, e sim intrínseca ao próprio original, trazendo à luz um desmembramento que já se encontrava no original desde o princípio.

A segunda leitura analisada por Lages é a de Jacques Derrida, no ensaio “Des Tours de Babel”. Derrida relaciona o texto de Benjamin à narrativa bíblica de Babel, em que “a disseminadora intervenção divina simultaneamente impõe e impede a tradução por um gesto eminentemente destruidor” (p. 178). A tradução é vista como uma dívida que não pode ser quitada. Estabelece-se uma relação psicanalítica de *transferência*, isto é, uma relação de amor-ódio semelhante à estabelecida entre o autor do original e sua língua materna. Lages chama a atenção para o caráter sexuado dessa relação, que Derrida ressalta ao caracterizar o “contrato de tradução” como “hímen ou contrato de casamento com promessa de produzir uma criança, cuja semente dará lugar à história e ao crescimento” (p. 182-83). A pureza do original é desvirginada pela fálica intervenção do tradutor. Em sua interpretação da imagem cabalística da ânfora quebrada, Derrida comenta que uma tradução jamais poderia ser bem-sucedida em termos absolutos: uma boa tradução seria aquela que promete, que encena o performativo de uma promessa de reconciliação entre as línguas, mostrando um vislumbre daquilo que é a língua, a pura língua. Esse seria o caráter messiânico da tradução.

A terceira leitura discutida por Lages é a de Haroldo de Campos, extraída de diversos textos do autor. Ao considerar o ensaio de Benjamin sobre o tradutor como um ataque à ideia da

tradução servil, ou seja, uma tradução que se dobra diante das exigências de um suposto sentido transcendente no original, Haroldo de Campos identifica na visão benjaminiana uma inversão da relação hierárquica tradicional entre texto original e traduzido. Haroldo assinala alguns pontos de convergência entre a sua própria teoria e a de Benjamin: a distinção entre “mensagem” conteudística e “informação estética”; a definição benjaminiana de má tradução como “transmissão inexata de um conteúdo inessencial”; a citação de Rudolf Pannwitz, segundo a qual a tradução deve deixar que a língua do tradutor seja violentamente abalada pela língua do original, o que se conseguiria por uma literalidade extrema na tradução; a definição do poético como aquilo que escapa à comunicação de conteúdos meramente informativos, ou então a ultrapassa. Com base em Peirce e Derrida, Haroldo de Campos identifica também algumas limitações da teoria benjaminiana. Apesar de sua radicalidade, a teoria benjaminiana seria semioticamente pouco elaborada, dicotômica (Peirce) e estaria “presa numa ‘clausura metafísica’” por se basear em uma distinção “ontológica” entre original e tradução, revelando sua vocação logocêntrica (Derrida).

A quarta e última leitura estudada por Lages é a de Jeanne Marie Gagnebin, no primeiro capítulo do livro *História e Narração em Walter Benjamin*. Gagnebin analisa a tradução em Benjamin como ligada ao conceito de origem e ao conceito de história. Para Gagnebin, a ideia da rememoração do passado em Benjamin não constitui sua recuperação tal como foi, mas sim a sua presentificação atualizadora e transformadora. Gagnebin considera “A Tarefa do Tradutor” mais otimista do que o ensaio “Sobre a Linguagem em geral e sobre a Linguagem do Homem”, de 1916, que via apenas o aspecto de “queda” da linguagem. Em “A Tarefa do Tradutor”, Benjamin destaca que, se a pluralidade das línguas é sinal de imperfeição e provisoriedade, ela é também a manifestação de um “desejo comum de acabamento”. Mas essa intenção comum entre as línguas passa necessariamente pelo reconhecimento da irreduzível diferença entre elas, que só pode ser apreendida plenamente na passagem de uma língua para a outra. Assim, para que o original possa perdurar, é preciso que ele sofra transformações, passe de uma forma a outra.

Segundo Gagnebin, em Benjamin a possibilidade da tradução assenta-se em uma teologia negativa, caracterizada pela concepção da origem como falta, ausência de um fundamento absoluto, garantidor de um sentido último. Na imagem da quebra das ânforas, Benjamin retrata a desordem inicial que clama pela recomposição messiânica no fim dos tempos. O desejo por uma língua suprema não constitui o resgate de uma língua adamítica originária, mas aparece como unidade possível, potencial de todas as múltiplas línguas, no futuro.

A apresentação conjunta dessas quatro análises facilita a comparação entre as diferentes visões. Torna-se aparente que, apesar de existirem pontos em comum entre os diversos comentaristas, cada um deles partiu de uma perspectiva distinta e, de certa forma, “apropriou-se” do texto de Benjamin para seus fins específicos.

Finalizando a terceira parte, Lages faz a sua própria leitura de “A Tarefa do Tradutor”. Na interpretação de Lages, o ensaio de Benjamin funciona como “alegoria da leitura como tradução e uma alegoria da tradução como leitura que pretende estabelecer uma correspondência ideal entre texto original e texto traduzido” (p. 200). A tradução reflete a tensão constante entre destruição e reconstrução, pois, ao mesmo tempo em que o tradutor vê o texto original como pertencente ao passado, ele deve transpor esse texto para um novo contexto histórico e linguístico. A melancolia do tradutor só terá efeito negativo, paralisador, “quando o gesto hermenêutico embutido no ato tradutório estiver excessivamente ligado à dimensão passada da obra, ao original como texto temporal e espacialmente delimitado” (p. 203-4). A análise do método do paradoxo como uma das fontes do hermetismo benjaminiano é um dos pontos altos da interpretação da autora: Benjamin frequentemente estabelece uma relação fundamental entre dois termos, mas “a imagem que é utilizada não esclarece de maneira inequívoca de que relação se trata – é preciso tentar uma interpretação subjetiva, que será obrigatoriamente violenta em relação ao texto, pois deverá preencher o vazio que se instala entre as idéias contrapostas com elementos interpretativos relativamente arbitrários e exteriores” (p. 219). Citando De Man, Lages acrescenta que o uso desses “tropos” por

parte de Benjamin exerce um efeito paradoxalmente desestruturador no texto, de forma a deixar o leitor sempre num estado de suspensão, de questionamento (p. 221).

Na quarta e última parte, “Último Desdobramento”, a autora faz algumas reflexões a respeito de seu próprio livro. É bastante pertinente o comentário da autora de que há momentos de certo estranhamento na leitura, na medida em que “alguns temas ficam em suspenso enquanto novos temas vão adentrando a reflexão” (p. 233). A argumentação geral do livro não segue um padrão linear, o que, segundo a autora, funciona como uma “provação ao leitor para que dê continuidade à operação crítica” iniciada (pp. 233-34). Os temas se multiplicam em desdobramentos que escapam a uma tentativa de enquadramento numa estrutura claramente definida. A imagem tão cara a Benjamin da constelação serve como alegoria para o livro: “constelação em que os pontos são aparentes e as ligações, difíceis, pois tendencialmente infinitas” (p. 232).

O tema é vasto, e omissões são inevitáveis. Talvez a influência dos românticos de Iena sobre Benjamin merecesse ter sido discutida mais a fundo, já que a tradução desempenhava um papel de destaque também entre eles (veja-se, a esse respeito, o livro de Márcio Seligmann-Silva, *Ler o Livro do Mundo*). Mas, acima de tudo, surpreendeu-me a quase ausência de uma discussão a respeito do trabalho prático de Benjamin como tradutor. Há apenas uma breve citação de um depoimento do próprio Benjamin, em carta a Scholem, sobre seu trabalho como tradutor de Proust (p. 130). Ora, em uma obra que trata da melancolia resultante da sensação de impotência advinda das “insuficiências” da tradução, parece-me que seria fundamental discutir em que medida Benjamin conseguiu lidar, na prática, com essas “insuficiências”. Autores como Stephen Rendall (1997) e Marilyn Gaddis-Rose (1982) vêm estudando Benjamin como tradutor e apontando incoerências entre a parte prática e a teórica de sua obra. Janet Sanders, no ensaio “Divine Words, Cramped Actions: Walter Benjamin – an Unlikely Icon in Translation Studies” (2003), faz contundentes críticas a Benjamin como tradutor. Embora muitas dessas críticas sejam infundadas ou exageradas, a discussão é pertinente. A própria Susana Lages abordou



posteriormente a questão no artigo “Walter Benjamin, Tradutor de Baudelaire” (2007), em que comenta os ensaios de Beryl Schlossmann (2001) e Heiner Weidmann (2001) sobre o tema, além do estudo de Mark Behrens, em que Benjamin aparece como um divertido exemplo de tradutor “à maneira das *belles infidèles* do século XVIII, em rota de colisão com suas próprias reflexões sobre a tarefa do tradutor” (2007: 247). Lamento que essa discussão não tenha sido incluída em *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. Essa é a única ressalva importante que faço ao livro, que, de resto, atendeu plenamente às minhas expectativas iniciais, revelando-se leitura indispensável para os estudiosos de Benjamin, da tradução ou da melancolia, assim como para aqueles empenhados na *subversão* da relação entre melancolia e tradução.

### Referência Bibliográfica

- GADDIS-ROSE, Marilyn (1982) “Walter Benjamin as Translation Theorist: A Reconsideration.” *Dispositio VII*, pp. 163-175.
- LAGES, Susana Kampf (2007) “Walter Benjamin, tradutor de Baudelaire.” *Alea. Estudos Neolatinos*, vol. 9, pp. 239-249.
- RENDALL, Stephen (1997) “Translation, Quotation, Iterability.” *TTR: Etudes sur le texte et ses transformations*, vol. X, n. 2, 1997, pp. 167-189.
- SANDERS, Janet (2003) “Divine Words, Cramped Actions: Walter Benjamin – an Unlikely Icon in Translation Studies.” *TTR: Etudes sur le texte et ses transformations*, vol. 16, n. 1, 2003, pp. 161-184
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (1999) *Ler o livro do mundo*. Walter Benjamin: Romantismo e crítica literária. São Paulo: Iluminuras.
- SCHLOSSMANN, B. (2001) “Pariser Treiben”. In NIBBRIG, C. H. (org.) *Übersetzen: Walter Benjamin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 280-310.
- WEIDMANN, H. (2001) “Wie Abgrunds Licht den Stürzenden beglückt. Zur Benjamins Baudelaire Übersetzung”. In: NIBBRIG, C. H. (org.) *Übersetzen: Walter Benjamin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 311-24.